



9

GÁLATAS A FILEMOM

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould



9

GÁLATAS A FILEMOM

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

1. [Comentário Bíblico](#)
2. [SAUDAÇÃO](#)
3. [QUALIFICAÇÕES DE PRESBÍTEROS E BISPOS](#)
4. [OS FALSOS MESTRES DEVEM SER REFUTADOS](#)
5. [PADRÕES DE CONDUTA CRISTÃ](#)
6. [PRONTIDÃO PARA A VINDA DE CRISTO](#)
7. [CRISTÃOS EM UM MUNDO PAGÃO](#)
8. [EXORTAÇÕES FINAIS](#)
9. [CONCLUSÃO](#)

B

Comentário Bíblico

EACON

GÁLATAS a FILEMOM

9



CM)

Esboço

A EPÍSTOLA A TITO

I. Saudação, 1.1-4

II. Qualificações de Presbíteros e Bispos, 1.5-9

III. Os Falsos Mestres devem Ser Refutados, 1.10-16

IV. Padrões de Conduta Cristã, 2.1-10

A. Padrões para os Idosos, 2.1-3

B. Padrões para os Jovens, 2.4-8

C. Padrões para os Escravos, 2.9,10

V. Prontidão para a Vinda de Cristo, 2.11-15

VI. Cristãos em um Mundo Pagão, 3.1-7

A. Ser Bons Cidadãos, 3.1,2

B. Os Cristãos são Transformados pela Graça, 3.3-7

VII. Exortações Finais, 3.8-11

A. Mantenha-se Ocupado por Cristo, 3.8

B. Evite Controvérsias Fúteis, 3.9-11

VIII. Conclusão, 3.12-15

Seção I

- [SAUDAÇÃO](#)
- [QUALIFICAÇÕES DE PRESBÍTEROS E BISPOS](#)
- [OS FALSOS MESTRES DEVEM SER REFUTADOS](#)
- [PADRÕES DE CONDUTA CRISTÃ](#)
- [PRONTIDÃO PARA A VINDA DE CRISTO](#)
- [CRISTÃOS EM UM MUNDO PAGÃO](#)
- [EXORTAÇÕES FINAIS](#)

- [CONCLUSÃO](#)

SAUDAÇÃO

Tito 1.1-4

A Epístola a Tito é de tipo semelhante às cartas a Timóteo, cujo tema principal é o aconselhamento de um pastor-supervisor a um jovem pastor-presidente. Mas nesta carta, como naquelas a Timóteo, assuntos pessoais impulsionam assuntos pastorais. Embora sua posição no Novo Testamento seja depois de 2 Timóteo, sua posição cronológica é, provavelmente, entre as duas cartas a Timóteo. Temos certeza de que Tito precede 2 Timóteo, porque o apóstolo ainda era homem livre quando escreveu esta carta sob estudo. Mas se Tito precede ou sucede 1 Timóteo é difícil dizer.

Em certas traduções, os quatro primeiros versículos da carta são um só período gramatical (ACF, AEC, BJ, RA, RC), ao passo que outras o dividem em duas (BAB, NVI), três (CH), quatro (NTLH) ou seis orações gramaticais (BV). A saudação é diferente por ser extensa e consideravelmente maior que as saudações das outras Epístolas Pastorais. **Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade (1).** O apóstolo se caracteriza por *doulos de Deus*, termo grego que significa, literalmente, “escravo” (BV). Talvez a tradução suavizadora **servo** seja mesmo mais adequada ao significado desejado por Paulo. Em outras cartas, ele se descreve por **servo** de Jesus Cristo *ie.g.*, Rm 1.1), mas somente nesta ele diz que é **servo de Deus**.

Unida com esta autodescrição servil está a caracterização adicional de **apóstolo de Jesus Cristo**, termo que em grego significa “enviado” ou “mensageiro”. As frases que vêm depois desta designação são difíceis e intrincadas, tanto no original grego como nas traduções. **Segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade (1)** são as frases-problema. Elas modificam o termo **apóstolo**? Ou dão as diretrizes e tema do ministério de **apóstolo**? Certa tradução adota a primeira interpretação: “Marcado como está pela fé, conhecimento e esperança” (NEB); ao passo que

outras favorecem a última: “Para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (RA; cf. BAB, BJ, NVI). Nós apoiamos a última interpretação. O apostolado de Paulo não se mostra ou se verifica pela **fé dos eleitos de Deus**; pelo contrário, essa **fé** é motivada, nutrida e sustentada pelo ministério de **apóstolo**.

Esta **fé** e a **verdade** que a reconhece nunca são um fim em si mesmas. Eles olham para um cumprimento glorioso: **Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos** (2). A expressão **esperança da vida eterna**, conforme é empregada aqui, não quer dizer que em seus labores o apóstolo seja sustentado por esta **esperança**; significa que a **esperança da vida eterna** é parte essencial da mensagem que o apóstolo está propagando. Esta é uma promessa que Deus fez **antes dos tempos dos séculos** (ou “antes do princípio do mundo”, BV; cf. NTLH). Da mesma maneira que Cristo é o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8), assim esta promessa é feita a todas as pessoas que recebem a nova vida por Cristo Jesus. Trata-se de verdade inabalável, falada pelo **Deus** da verdade, o **Deus, que não pode mentir**.

Agora são revelados este propósito e vontade eterna de Deus: **Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador** (3). Aqui, como em toda referência neotestamentária à sua comissão divina, o apóstolo mostra como ficou tremendamente maravilhado por lhe ter sido confiada tamanha responsabilidade. Nós, que lhe sucedemos na posição de responsabilidade, não somos apóstolos como Paulo era, mas a nossa tarefa é de tal magnitude e importância que as outras atividades da vida tornam-se secundárias. Que jamais o ministro de Cristo permita pensamentos depreciadores ou afrontosos da comissão que o Senhor lhe deu.

A Tito, meu verdadeiro filho, segundo a fé comum: graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador (4). Em Atos dos Apóstolos, **Tito** não é mencionado entre os assistentes de Paulo, embora seja mencionado

várias vezes em 1 Coríntios, Gálatas e 2 Timóteo. Ele era grego e provavelmente foi ganho para Cristo pelo ministério do apóstolo. Quando surgiu a controvérsia dos judaizantes, Lucas nos informa que os irmãos determinaram que “Paulo, Bamabé e alguns dentre eles subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos sobre aquela questão” (At 15.2). Paulo nos fala (G1 2.3) que entre estes “alguns dentre eles” estava **Tito** (presumindo que se trate da mesma visita a Jerusalém). Mais tarde, este jovem aparece na segunda carta de Paulo aos Coríntios, onde há oito referências a ele, que o mostram como ajudante de confiança do apóstolo. Em 2 Timóteo 4.10, lemos que **Tito** estava em missão na Dalmácia. Na época da carta de Paulo a Tito, o jovem é o representante do apóstolo em Creta (ver Mapa 1), onde era evidentemente pastor da igreja cristã.

Paulo se dirige a **Tito** por **meu verdadeiro filho, segundo a fé comum**, expressão que é mais bem traduzida por “meu filho verdadeiramente nascido na fé que compartilhamos” (NEB). A bênção que se segue é de caráter tipicamente paulino, conferindo nota adicional de autenticidade a esta epístola: **Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador.**

Seção II

QUALIFICAÇÕES DE PRESBÍTEROS E BISPOS

Tito 1.5-9

O apóstolo passa a tratar imediatamente da razão que o levou a escrever a carta. Notamos a falta de uma declaração de estima ou gratidão a Tito como ocorre em 2 Timóteo 1.3-5 (embora também não ocorra em 1 Timóteo). **Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei** (5). Os dizeres dão a entender que fazia pouco tempo que Paulo estivera em **Creta** acompanhado com Tito que lhe servia de assistente. Não há registro histórico em Atos que fale desta campanha cretense. O Livro de Atos termina abruptamente com os acontecimentos finais da primeira prisão de Paulo em Roma. Nossa tese, que torna possível a autoria paulina das Epístolas Pastorais, é que o apóstolo foi liberto do primeiro aprisionamento e continuou o seu trabalho. Embora não haja relato dos anos finais da vida do apóstolo, teria havido tempo suficiente para a ampla evangelização da ilha de **Creta**. O fato de Tito ter sido encarregado de ordenar **presbíteros... de cidade em cidade** mostra a extensão dessa atividade. O ministério de Paulo em **Creta** havia terminado recentemente; mas o apóstolo deixou ali Tito, seu assistente, para completar a tarefa de organizar as igrejas. A linguagem de Paulo dá a entender que nem tudo estava bem nas igrejas cretenses e que parte da tarefa de Tito era corrigir o que estava errado.

Tito foi instruído a designar e ordenar **presbitérios** (ou “pastores”, **BV**) para as igrejas. Esta prática estava de acordo com o costume do apóstolo. Já na primeira viagem missionária, Lucas nos informa que, “havendo-lhes por comum consentimento eleito anciãos em cada igreja, orando com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido” (At 14.23). Há diferenças nas instruções de Paulo entre 1 Timóteo e Tito. Na primeira, já havia bispos no exercício do cargo, ao passo que na última, provavelmente por ser algo novo na igreja cretense, era a primeira ordenação de **presbitérios**.

Em seguida, Paulo descreve o tipo de homens a ser selecionado para este cargo importante: **Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes** (6). Estas qualificações que os presbíteros têm de possuir são semelhantes à lista de qualificações para bispo em 1 Timóteo 3. **Irrepreensível** significa ter “caráter inatacável” (NEB), “integridade inquestionável” (CH). Esta é qualidade importantíssima. O ministro cristão deve ser pessoa que evita não só o mal, mas a própria aparência do mal. Sob todos os aspectos de conduta, ele tem de estar acima de repreensão. Suas relações matrimoniais não devem ter a mínima nódoa de escândalo. Muitos na igreja primitiva consideravam que **marido de uma mulher** era proibição de casar-se de novo por qualquer razão. A referência óbvia aqui é a casamentos duplos. As tradições cristãs de nossos dias não desaprovam o crente casar-se de novo após o falecimento da primeira esposa. Devemos tratar esta área com toda a discrição. O escândalo do divórcio tem envenenado tão completamente o fluxo da ordem social de nossos tempos, que devemos ser extremamente sensatos e cuidadosos nesta questão de segundo casamento, “para que o nosso ministério não caia em descrédito” (2 Co 6.3, NVI).

Que tenha filhos fiéis (6) é expressão que requer algumas considerações. Seu verdadeiro significado foi capturado pela tradução: “que tenha filhos crentes” (BAB, RA; cf. NVI). A estipulação registrada em 1 Timóteo 3.4 diz apenas: “Tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia”. Mas aqui Paulo vai mais longe, insistindo que em Creta os homens separados para o cargo de presbítero têm de ser bem-sucedidos em entregar a fé cristã aos seus filhos. É verdade que nenhum pai pode controlar ou determinar as decisões morais e espirituais dos filhos. As vezes, apesar de nossos melhores e mais sinceros esforços, os filhos no livre exercício da vontade fazem escolhas que causam profundo sofrimento para os pais. Mas não há nada que recomende a sinceridade e devoção de um ministro piedoso que o fato de que seus filhos estão seguindo-o como ele segue Cristo.

Que não possam ser acusados de dissolução nem são

desobedientes (6) é, de certo modo, alternativa a **fiéis**. Esta tradução esclarece a frase: “Não sujeitos à acusação de serem libertinos ou insubordinados” (RSV; cf. CH, NVI).

Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância (7). O assunto desta lista adicional de qualificações é o **bispo** (no singular) e não os “presbíteros” (no plural). Barrett observa que “a mudança do plural (presbíteros) para o singular (bispo) é mais bem explicado não pela suposição de que em cada cidade havia um grupo de presbíteros e só um bispo, mas pela interpretação [...] de que, enquanto que *presbítero* descreve o cargo, *bispo* descreve sua função: Os presbíteros que você designar devem ter certas qualificações, pois o homem que exerce a supervisão tem de ser”¹ **não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância**.

A qualidade da irrepreensibilidade — “caráter inatacável” (6) — ocorre novamente, pois a responsabilidade do **bispo** é servir **como despenseiro da casa de Deus** (7). O termo **despenseiro** quer dizer, literalmente, “o administrador de uma casa ou família” (Kelly). O **bispo** era o gerente financeiro da igreja local e por isso, se por nenhuma outra razão, deve ser homem de extrema integridade.

O apóstolo alista cinco defeitos que devem estar visivelmente ausentes no **bispo** (7). São falhas de caráter que, caso sejam toleradas em um líder eclesial, lhe causarão ruína certa. O **soberbo** é alguém propenso a ser “arrogante” (BAB), opinioso e teimoso. Característica como esta constituiria alta traição do espírito do Mestre. O **iracundo** seria indivíduo esquentado, vingativo e totalmente falto de paciência (“impacientes”, BV), que é tão essencial ao servo de Cristo. **Nem dado ao vinho** (“beberrão”, BJ) é expressão que sempre nos deixa surpresos num contexto como este. Contudo, era um problema muito sério na igreja do século I. A viticultura era abundante em todos os lugares ao longo da bacia mediterrânea, e a tentação de beber **vinho** e, daí, ficar bêbado vinha de todos os lados.

Nem espancador (“violento”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) indica a tendência à ação violenta ou arbitrária, que com certeza ocorria ocasionalmente entre os líderes locais na igreja primitiva. **Nem cobiçoso de torpe ganância** (“nem ávido por lucro desonesto”, NVI, cf. BJ, CH) é outra característica grosseira contra a qual Paulo adverte. Como guardião dos fundos monetários da igreja esta poderia se tornar fonte de tentação para o **bispo**.

Para compensar esta lista de cinco defeitos a serem evitados, Paulo faz uma lista de seis virtudes a serem cultivadas pelos líderes da igreja: **Mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante** (8). Na lista de Paulo das qualificações de bispo registrada em 1 Timóteo 3.2 consta o dever da **hospitalidade**, quesito repetido aqui. Na função de líder da igreja, tornou-se responsabilidade do bispo receber em casa os apóstolos e evangelistas visitantes que em suas viagens passassem por ali. Só nos tempos atuais o “quarto excedente” na casa foi substituído por hotéis para o alojamento de convidados. A hospitalidade cretense do século I era recurso importante para o líder da igreja.

Amigo do bem (8) tem o significado literal de “amante do bem” ou “reto” (“amante da bondade”, RSV; “bondoso”, BJ). Esta qualidade nos lembra a advertência de Paulo em Filipenses 4.8: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”. Seguir esta instrução é ser amante da bondade, característica que o ministro da igreja de Cristo deve se sobressair em excelência.

O termo grego traduzido pela palavra **moderado** é de significação muito próxima de **temperante** (8) que consta nesta mesma lista de virtudes. Ambos os termos sugerem autodomínio ou autocontrole (“controlado”, CH; “domínio próprio”, NVI; “domínio de si”, RA), a habilidade de lidar objetivamente com situações difíceis sem se deixar influenciar por preconceito. Barclay, em sua tradução, prefere a palavra “prudente” (NTLH), e cita a definição que Trench dá ao termo: “Controle total sobre as paixões e desejos, de forma que elas não recebam outras concessões além do que a lei e a reta razão

admitirem e aprovarem”.² As qualidades denotadas pelas palavras **justo** e **santo** mostram idéias estritamente religiosas. Mas é provável que devamos entender **justo** não como referência à posição do homem diante de Deus, por ter sido justificado pela fé pela graça, mas à sua habilidade de tratar com correção seus semelhantes, de administrar seu ofício com justiça escrupulosa e integridade inatacável. O termo **santo** é traduzido por “devoto” (NEB), conotando a qualidade de piedade (cf. “piedoso”, AEC, BJ, RA), a qualidade da relação pessoal afetuosa e terna com Cristo. Mas Barclay afirma que o termo conota muito mais, “pois descreve o homem que reverencia as decências fundamentais da vida, as coisas que voltam além de qualquer lei ou regulamento feito pelo homem”.³

O apóstolo introduz no versículo 9 uma exigência adicional: **Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar** (“exortar”, BAB, RA) **com a sã doutrina como para convencer os contradizentes.** Este é um tema que aparece em 1 Timóteo, embora não com todo este grau de ênfase. Em 1 Timóteo 5.17, Paulo destaca os presbíteros que “trabalham na palavra e na doutrina” como “dignos de duplicada honra”. Mas aqui, na Epístola a Tito, a competência nesta área é de todos os presbíteros. É a um ministério como este que Deus chama os homens quando os convoca a ir e pregar. E responsabilidade do pregador “oferecer Cristo aos homens”, como Carlos Wesley gostava de dizer. Neste verso, ele descreve poeticamente esta tarefa central de pregar:

Ofereço-lhe meu Salvador;

Amigo de publicanos e Advogado:

Seus méritos e morte, ele advoga por você;

*E intercede com Deus pelos pecadores na terra*¹

Mas pregar Cristo e oferecê-lo às pessoas é conhecer seguramente a Palavra de Deus relativa a Cristo, mantê-la em consideração reverente e declarar sua verdade às pessoas. Nestas Epístolas

Pastorais, Paulo está vitalmente interessado na **sã doutrina**. Por essa época, a mensagem da igreja tomara forma em credos e fórmulas batismais. Vemos fragmentos dessas declarações de credo afloradas nas cartas a Timóteo. Cada nova geração de líderes cristãos tem a necessidade de declarar novamente as doutrinas básicas da fé cristã e justificá-las na mente e consciência dos que as ouvem. Mas a **sã doutrina** também tem preceitos éticos, que mostram como todos os cristãos, homens e mulheres, moços e velhos, escravos e livres, devem viver em um mundo que rejeita Cristo. Tudo isto faz parte da tarefa de **admoestar** e **convencer os contradizentes** — os que negam e contradizem a verdade.

Seção III

1

O let me commend my Saviour to you; / The publican's Friend, and Advocate too: / For you he is pleading his merits and death; / With God interceding for sinners beneath. (N. do T.)

OS FALSOS MESTRES DEVEM SER REFUTADOS

Tito 1.10-16

Esta porção do capítulo mostra a razão para o senso de urgência que impregna a exortação do apóstolo a Tito a fim de que este empreenda o estabelecimento de uma liderança qualificada nas igrejas cretenses. Havia muito trabalho para os líderes fazerem. **Porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão** (10). Este versículo foi traduzido de forma a dar um significado um pouco mais exato: “Existem muitos, sobretudo entre os convertidos judeus, que estão fora de controle” (NEB; cf. NTLH). Não devemos entender que a frase **os da circuncisão** seja alusão à antiga controvérsia judaizante, da qual trata a carta de Paulo aos Gálatas. E referência aos judeus que se converteram à fé cristã. É lógico que muitos desses convertidos judeus recusavam aceitar os padrões de conduta prescritos para os cristãos. Ao descrevê-los, o apóstolo diz que são “de cabeça oca”, de conversa fútil (cf. “palradores frívolos”, RA). Tais práticas estão longe de serem inofensivas, pois os que se entregam a elas estão “enganando e sendo enganados”.

A advertência do apóstolo prossegue no versículo 11: **Aos quais convém tapar a boca** (“é preciso fazer com que eles parem de falar”, NTLH; cf. RA); **homens que transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém, por torpe ganância**. Até este ponto da carta, nada é dito às claras sobre a natureza precisa deste falso ensino. Mais adiante, neste mesmo capítulo, começam a despontar algumas indicações. Mas a extensão perigosa da deserção da fé mostra-se claramente na observação de que **casas inteiras** estavam sendo desviadas. Como diz certa tradução, estes proponentes da falsidade “ensinam o que não têm direito de ensinar” (BJ; cf. CH). Tbd o ensino que deixa a pessoa pior do que antes é falsa. É lógico que a verdade deve atacar a mente das pessoas para fazê-las repensar algumas de suas idéias básicas. Como destaca Barclay: “O cristianismo não foge das dúvidas e questionamentos, mas enfrenta-os de modo racional e justo. É certo que a verdade toma o homem

mentalmente pelo cangote e o chacoalha; mas também é certo que o ensino que acaba em nada mais que dúvidas e questionamentos é ensino ruim”.¹ É óbvio que era contra ensino deste tipo que Paulo adverte. E para corroborar a condenação do apóstolo há o motivo que apóia estas atividades repreensíveis: eram feitas **por torpe ganância**. Esses enganadores eram movidos apenas pelo lucro. Não admira que o apóstolo declare que “é preciso fazer com que eles parem de falar”! (NTLH). Kelly mostra que esta tradução “preserva a metáfora vigorosa do grego, [...] que significa pôr uma focinheira, não simplesmente uma rédea, na boca de um animal”.²

O tom do versículo 12 é surpreendentemente franco, embora o apóstolo esteja falando sob forte provocação: **Um deles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos** (“preguiçosos e gananciosos”, CH). Há incerteza quanto à identidade deste **seu próprio profeta**. Clemente de Alexandria diz que ele era Epimênides de Cnossos, Creta, que viveu no século VI a.C. Se o verso é dele ou não, o julgamento relativo aos cretenses era, com ou sem razão, a opinião comumente aceita no século I. Kelly ressalta, concernente à “indecorosa reputação de falsidade que os cretenses tinham no mundo antigo”, que “isso era tão geral que o verbo ‘cretatizar’ (gr. *kretizein*) era gíria de mentir ou enganar”.³ O sentimento do apóstolo acerca da ameaça à existência e integridade das igrejas cretenses era tão forte que ele chegou a fazer esta citação. A primeira vista, este versículo insulta mais que pacifica. Talvez as pessoas que realmente eram essenciais para o futuro da igreja em Creta estariam dispostas a concordar que o julgamento do poeta era correto.

Seja como for, Paulo concordava com o poeta, pois afirma de supetão: **Este testemunho é verdadeiro. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé, não dando ouvidos às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se desviam da verdade** (13,14). Barclay mostra a consequência perturbadora da ênfase em **fábulas judaicas** e **mandamentos de homens**: “A grande característica da fé judaica era suas numerosas regras e regulamentos. Esta, essa e aquela coisa eram estigmatizadas

e listadas como impuras; este, esse e aquele alimento eram considerados tabus; quando o judaísmo e o gnosticismo se uniram até o corpo se tornou imundo, e o casamento e os instintos naturais do corpo foram reputados maus. O resultado inevitável disso foi o fazimento constante de longas listas de pecado. Era pecado tocar isto ou aquilo; era pecado casar-se e ter filhos. Coisas em si mesmas boas ou bastante naturais ficaram imundas e foram maculadas”.⁴ Seria a esse legalismo ascético que os falsos mestres nas igrejas cretenses estariam degradando o cristianismo. Foi uma heresia notadamente semelhante a essa que Paulo denunciou na Epístola aos Colossenses.

As próximas palavras do apóstolo confirmam a verdade desta diagnose do problema cretense: **Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis; antes, o seu entendimento e consciência estão contaminados** (15).

Nesta passagem, Paulo está afirmando um princípio vitalmente importante, mas sua generalização acarreta em possível abuso. “Já não ouvimos estas palavras mal empregadas?”, pergunta G. H. Morrison, que responde: “O abuso mais comum dessas palavras ocorre assim. Alguém fala algo repulsivo, vulgar ou alusivamente indecente, e um amigo com coração zeloso protesta contra a declaração vil. Imediatamente, às vezes com um sorriso, muitas vezes em tom de desdém, ele é calado com ‘todas as coisas são puras para os puros’. O diabo cita a Bíblia para seus próprios fins, e tal citação é a obra do diabo. [...] Há coisas que estão em todos os lugares e sempre são certas, e há coisas que estão em todos os lugares e são erradas, e pouca esperança resta para quem aprendeu a falsificar as coisas estabelecidas”.⁵ Talvez as palavras de Paulo sejam, como defendem certos intérpretes, um provérbio popular. Mas devemos entendê-las no contexto das “fábulas judaicas” e “mandamentos de homens” que o apóstolo denuncia. Essas palavras têm o mesmo significado aqui como na declaração de Jesus registrada em Marcos 7.15: “Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele, isso é que contamina o homem”.

O apóstolo é igualmente enfático ao declarar o aspecto negativo deste princípio, e com aplicação particular aos falsos mestres em Creta.

Para os **contaminados e infiéis** (15; a ordem em que estes termos ocorrem é importante) tudo é impuro. Tais pessoas “tomam as coisas mais belas e encantadoras e as cobrem com uma camada de impureza encarvoada. Vêem um gracejo impuro, onde não há impureza. Mas quem tem a mente pura acha todas as coisas puras. E terrível ter esse filme de impureza e sujeira na mente”.⁶ Quem tem o **entendimento** depravado e a **consciência** cauterizada dificilmente consegue chegar à verdade.

O apóstolo leva a denúncia a outro estágio: **Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda boa obra** (16). Esta é linguagem forte jamais empregada por Paulo. O fato de ele falar com tanto vigor revela a profundidade do seu sentimento referente a estes dissimuladores que estavam subvertendo a obra de Cristo em Creta. Ainda que a influência má desses indivíduos fosse profunda e de longo alcance, eles afirmavam que eles (e provavelmente só eles) conheciam a **Deus**. Certos intérpretes vêem nisto prova de afirmação arrogante de típica autopositividade gnóstica. É verdade que o princípio central do gnosticismo era a afirmação de um conhecimento especial de Deus, privilégio que era negado aos menos afortunados. Mas as evidências no versículo 14 mostram que os falsos ensinos em Creta eram de origem judaica e não gnóstica, embora houvesse certa mistura de influência gnóstica. É provável que Kelly tenha razão quando observa que “era motivo de orgulho especial dos judeus que, diferente do mundo pagão, eles conheciam a Deus conforme ele se revelara aos homens” (cf. Gl 4.8; 1 Ts 4.5; 2 Ts 1.8). “Na medida em que os hereges cretenses eram judaizantes, é então possível que o apóstolo esteja criticando a suposição complacente de que eles eram uma elite que possuía conhecimento privilegiado de Deus”.⁷ Mais verossímil é que essa falsa segurança, em que eles se apoiavam, se originava de uma mescla destes dois fatores.

Mas, como percebia o apóstolo, essa confiança era totalmente infundada. O fato tangível de **negam-no com as obras** (16) é prova conclusiva da falsidade desses hipócritas. O texto de 1 João 2.6

estabelece uma norma que tem de orientar todos os que professam conhecer a Cristo: “Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou”. Nos dizeres lancinantes da tradução de Phillips, a norma fica bem mais incisiva: “A vida de alguém que professa viver nele deve ser como a vida que Cristo teve” (CH). Estes mestres seguros de si não tinham absolutamente esse sinal, essa marca de identificação e propriedade. Na verdade, segundo Paulo os descreve, eles eram repugnantes. O primeiro adjetivo grego — traduzido por **abomináveis** — é derivado de “um substantivo grego que denota aquilo que causa horror e repugnância em Deus”⁸ (cf. “detestáveis”, **BAB**, NVI). O termo **desobedientes** conota a atitude de insubordinação à liderança do apóstolo e, por conseguinte, ao modo em que ele lhes ensina a verdade de Deus. E a expressão **reprovados para toda boa obra** deve ser comparada com a frase de Paulo em 2 Timóteo 3.17, onde ele descreve que o perfeito homem de Deus é “perfeitamente instruído para toda boa obra”. A vasta distância ética entre estes dois extremos torna desnecessária mais comentários.

Seção IV

PADRÕES DE CONDUTA CRISTÃ

Tito 2.1-10

A. Padrões para os Idosos, 2.1-3

Depois de discorrer sobre o estabelecimento de padrões de vida, aos quais os líderes cristãos devem corresponder, e sobre o castigo dos obstrucionistas maus, que estavam pondo em perigo a integridade das igrejas, agora Paulo interessa-se pastoralmente pelos crentes cretenses. Dirigindo-se incisivamente a Tito, ele diz: **Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina (1)**. A palavra grega traduzida por **tu** é enfática. Diante da falsidade posicionai dos oponentes, torna-se dever de Tito apresentar ousadamente a verdade. Aqui ocorre mais uma vez a preocupação de Paulo pelo depósito da **sã doutrina**, que é a herança preciosa da igreja. Mas ele não tem em mente a **doutrina** no sentido de dogma, a formulação verbal da verdade cristã. Trata-se das consequências éticas apropriadas que sempre emanam da verdade cristã. Esta dedução fica nitidamente clara nos versículos a seguir.

Os velhos que sejam sóbrios, graves, prudentes, são na fé, na caridade e na paciência (2). O evangelho de Cristo tem de mudar a maneira de pensar das pessoas e dar frutos numa vida transformada. Era esta transformação poderosa que tornava a igreja primitiva invencível. Como foi que a igreja cristã derrotou o paganismo fortificado do império romano? A resposta de T. R. Glover é que “os cristãos sobrepujaram os pagãos na vida, na morte e nos conceitos”.¹ Em todos os pontos, os cristãos excederam de longe os mais altos padrões que o mundo pagão conhecia. Este fato está ilustrado aqui claramente. Os primeiros três traços de caráter determinados para os **velhos** são: **sóbrios, graves, prudentes (2)**. Devemos entender o termo **sóbrios** no sentido de “temperantes” (AEC, RA) ou “moderados” (BAB, NTLH); com toda a certeza, a temperança e moderação relacionadas ao uso de vinho, mas também é a atitude de temperança e moderação em todos os prazeres da vida. O termo grego traduzido por **graves** também ocorre em 1 Timóteo 3.8,11, onde é

aplicado aos diáconos e suas esposas (“honestos” e “honestas”). Sugere seriedade de propósito (cf. “respeitáveis”, AEC, BAB, BJ, RA; “dignos de respeito”, NVI; “sérios”, CH, NTLH) que, como ressalta Guthrie, “se ajusta particularmente à dignidade de pessoas mais velhas; contudo”, ele adverte, “nunca devemos confundir seriedade com carranca”.² O terceiro termo grego traduzido por **prudentes** significa corretamente “autodisciplinados”; Moffatt traduz por “mestres de si”.

Os mestres éticos estóicos do século I poderiam ir até aqui. Mas Paulo ainda não terminou a lista de traços de caráter. Há mais três, cada uma das quais marcantemente cristã: **Sãos na fé, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA) e **na paciência (2). E. F.** Scott ressalta que, “para Paulo, as virtudes cristãs cardeais são a fé, a esperança e o amor”, como constam em 1 Coríntios 13.13. Mas com relação à substituição da esperança por **paciência**, Scott observa que Paulo, talvez, “pensa na esperança de forma inclusa na fé que se apodera da vida por vir. Ou pode ser que ele coloque a paciência no lugar da esperança, porque pensa especialmente nos idosos cuja atitude para a vida é, agora, de resignação”.³

Não devemos entender que ser **sãos na fé** é ser **sãos na doutrina**, por meus importante que isso seja. Paulo está acentuando a **fé** vigorosa e saudável que une o homem redentoramente a Cristo. Ligado com a **fé** está o amor divino (*agape*), que é profusa e graciosamente derramado no coração daqueles que se rendem ao domínio de Cristo.

A **paciência**, a terceira virtude desta segunda tríade, é a força e propósito de coração para viver a vida cristã até o fim. O termo grego é traduzido por “constância” (AEC, RA), “perseverança” (BAB, BJ, BV, NTLH, NVI), “firmeza” (RSV) e “resistência” (NEB). Estas são qualidades espirituais que enriquecem os anos maduros da vida.

As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem (3). O apóstolo admoesta as **mulheres idosas** da igreja a cultivarem as virtudes semelhantes às que os homens idosos devem ter. O termo **semelhantemente** sugere

este paralelo. Mas Paulo é muito específico em suas exigências sobre elas. A frase **que sejam sérias no seu viver, como convém a santas** é traduzida por “a serem reverentes na sua maneira de viver” (NVI; cf. CH). O termo grego traduzido por “reverentes” (NVI) significa, literalmente, “humilhar a si mesma como sacerdotisa no desempenho de seus deveres”. As **mulheres** maduras devem ser dedicadas às coisas espirituais. A figura da “mãe em Israel” (Jz 5.7) tem quase desaparecido da igreja atual. Em nossos dias, há a carência desesperadora de **mulheres** santas de outrora. **Mulheres** que conheçam a Jesus e o amem, **mulheres** para quem o privilégio de ministrar ao Senhor seja a mais alta alegria da vida, **mulheres** como honraram a casa de Maria e Marta, em Betânia; tais **mulheres** são necessárias na igreja de hoje e de amanhã.

Nem precisamos dizer que para tais **mulheres** piedosas seria desnecessária a próxima estipulação do apóstolo: **Não caluniadoras, não dadas a muito vinho** (3). Traduzida em termos mais simples e atuais, a determinação fica assim: “Não boateiras ou escravas de bebida forte” (NEB; cf. BV).

A outra especificação — **mestras no bem** (3) — não deve ser entendida no sentido de violar a norma do apóstolo estipulada em 1 Timóteo 2.12. Presumimos que a insistência paulina de as mulheres não ensinar publicamente nas igrejas seja válida tanto para as igrejas cretenses quanto para a igreja efésia. O ensino que o apóstolo tem em mente é, provavelmente, o que procede «de um exemplo piedoso, suplementado por aconselhamentos e palavras de incentivo dados reservadamente. Este dever imposto nas mulheres mais velhas forma a transição para a exortação do apóstolo para as mulheres mais jovens.

B. Padrões para os Jovens, 2.4-8

As mulheres idosas têm o dever de ensinar **as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos** (4). Este é um dos ingredientes essenciais no lar feliz e cristão. O amor do marido e dos filhos era virtude aclamada entre pagãos e cristãos. Kelly cita o fragmento de inscrição lapidar encontrada em

Pérgamo, Mísia (ver Mapa 1): “Júlio Basso [...] para sua docíssima esposa, dedicada ao marido e dedicada aos filhos”.⁴ Por mais ideais que tais virtudes sejam, o triste fato é que são honradas depois de não serem observadas.

Mas o padrão do apóstolo imposto nas **mulheres novas** continua: **A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada** (5). Para entendermos esta passagem, devemos considerá-la no contexto dos costumes gregos. Barclay ressalta que, “no antigo mundo grego, a mulher respeitável tinha uma vida completamente retirada. Na casa, ela possuía aposentos próprios, raramente deixando-os, nem mesmo para sentar-se à mesa para as refeições com os membros masculinos da família; e nenhum homem entrava nos aposentos dela, exceto o marido. Ela nunca comparecia a assembléias ou reuniões públicas; raramente era vista nas ruas, e se o fosse [...] nunca estava desacompanhada”.⁵ Para mulheres acostumadas em tal clausura, o cristianismo veio com maravilhoso poder libertador. Seria fácil tal emancipação ir a extremos escandalosos quando vista no contexto desta exclusão tradicional. Se o padrão que Paulo estipula parece limitador e restritivo, devemos entendê-lo no contexto dos padrões do século I.

Moffatt traduz o termo **moderadas** (5) por “donas do seu nariz”. O termo grego traduzido por **castas** reflete esta mesma virtude que, no uso do Novo Testamento, sempre denota pureza (cf. “puras”, BAB, NTLH, NVI). **Boas donas de casa** é a qualidade prática da boa administração doméstica. A palavra de Moffatt para esta virtude é “doméstica”. O termo grego traduzido por **boas** tem o significado de “afáveis”, “dispostas” e “compreensivas”. **Sujeitas a seu marido** é atitude que o apóstolo propõe repetidamente (Ef 5.22; Cl 3.18). Trata-se de virtude antiquada e que decididamente não conta com o apoio das jovens atualmente. Mas sugere atitude de deferência ao marido que ela ama. Em troca, o marido deve mostrar bondade, sensibilidade e sensatez, tornando esta virtude recomendável para os nossos dias.

Paulo faz estas determinações por uma razão cristã muito básica:

Afim de que a palavra de Deus não seja blasfemada (5). Seria fatal para a igreja, se ela se expusesse à acusação de que as liberdades concedidas aos seus membros são subversivas

dos ideais da vida familiar. A maneira em que Moffatt pôs esta questão é totalmente justificada: “Caso contrário, será um escândalo para o evangelho” (cf. BV, CH, NTLH).

Agora o apóstolo passa a tratar dos jovens: **Exorta semelhantemente os jovens a que sejam moderados (6).** A responsabilidade de ser **moderados** não pesa apenas nos **jovens**, mas também em Tito, cuja tarefa é exortá-los insistentemente nesse ponto. No grego, este verbo é consideravelmente mais forte que o verbo traduzido por “fala” no versículo 1 deste capítulo. Uma opção tradutória seria “recomenda com insistência” ou “obriga”. A virtude que Tito deve insistir em suas exortações, que foi traduzida por **moderados**, é a virtude estoica de autocontrole (cf. “controlados”, BAB). Phillips traduz assim: “Você também deve insistir para que os moços levem a vida a sério” (CH). O versículo 7 continua na mesma linha de pensamento: **Em tudo, te dá por exemplo de boas obras.** É difícil decidir se a frase **em tudo** combina com a advertência a Tito ou se pertence à moderação do versículo 6. Qualquer uma das alternativas é possível, pois é puramente questão de pontuação. Seja qual for a interpretação correta, a frase enfatiza o amplo escopo desta virtude. Tito é aconselhado a apregoá-la e exibí-la em sua conduta. Ser **exemplo** tem mais força que dar conselho; as pessoas nos seguirão do modo em que seguimos Cristo, quer o sigamos de perto ou de longe.

As exortações do apóstolo para Tito prosseguem: **Na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós (7,8).** É evidente que Paulo está muito preocupado com o ensino de Tito e com sua conduta. O versículo 7b é traduzido assim: “Em teu ensino, tens de mostrar integridade e altos princípios” (NEB). Tito é exortado a usar **linguagem sã e irrepreensível (8).** Phillips interpreta esta passagem assim: “Esteja seu discurso acima de qualquer crítica,

para que seus opositores sintam-se envergonhados ao descobrir que não há nada que nos desmereça” (CH). Tito tinha de ser um apologista da fé cristã em Creta (usando “apologia” no sentido teológico correto de proclamação e apoio).

C. Padrões para os Escravos, 2.9,10

Como se deu em 1 Timóteo 6.1, encontramos o fato da escravidão humana. Esta maldição do mundo antigo existia em Creta como em todos os cantos do império romano. E claro que nas igrejas cretenses havia escravos e senhores que obedeciam à fé. Por isso o apóstolo, em suas exortações, acrescenta algo relacionado com a conduta cristã dos escravos: **Exorta os servos** (“escravos”, BV, CH, NTLH, NVI) **a que se sujeitem a seu senhor e em tudo agradem** (9). Paulo tem em mente os escravos cristãos que seriam a propriedade de senhores cristãos, os quais não dariam ordens incompatíveis com a religião cristã. É provável que entre esses escravos cristãos houvesse quem tivesse senhores pagãos e, por isso, estariam enfrentando muitas decisões difíceis. Não é verossímil que Paulo exigisse obediência inquestionável em tal situação. Mas em casas cristãs, os escravos deveriam manter atitude de submissão, como diz esta tradução: “Dize aos escravos que em tudo respeitem a autoridade dos seus senhores” (NEB). Caso percebessem a total igualdade deles com seus senhores aos olhos de Deus, seria tremenda tentação os escravos abusarem desta relação cristã nos negócios e assuntos domésticos.

O apóstolo explica em detalhes o tipo de conduta que deve caracterizar os escravos sob tais condições: **Não contradizendo, não defraudando; antes, mostrando toda a boa lealdade, para que, em tudo, sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador** (9,10). **Não contradizendo** (9) significa obedecer aos senhores sem “retrucar” (CH; cf. “não sejam respondões”, NTLH, RA; cf. BV, NVI). Aceitar ordens e instruções em espírito de submissão e cooperação seria marca convincente de comportamento cristão. **Não defraudando** (10) significa cometer pequenos furtos (cf. BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA), prática facilmente feita pelo escravo que tinha acesso às posses do seu senhor. Honestidade e probidade devem ser marcas distintivas do caráter cristão em todas as situações

concebíveis de nossa vida. O padrão de vida para o escravo cristão deve ser, nas palavras de Paulo, **ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador** (tradução semelhante à de Moffatt: “ornamento para a doutrina”). Esta é alternativa tradutória desta passagem: “Eles [os escravos] acrescentarão brilho à doutrina” (NEB). A expressão de Paulo se tornou caracterização bem conhecida e freqüentemente usada para referir-se à conduta cristã excelente. Nós a empregamos para descrever o comportamento que é visivelmente cristão. Mas, muitas vezes, não refletimos em sua colocação original, pois foi endereçada a escravos cristãos.

PRONTIDÃO PARA A VINDA DE CRISTO

Tito 2.11-15

A menção de “Deus, nosso Salvador” (10) sugeriu ao apóstolo o pensamento dos próximos versículos. Esta passagem é verdadeiramente sublime: **Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens** (11). Aqui começa a declaração do apóstolo em bases teológicas a tudo que ele disse até aqui na epístola. Por **graça de Deus**, Paulo quer dizer o favor livre e imerecido que **Deus** disponibiliza a **todos os homens** pelo ofício redentor de Jesus Cristo e pelo ministério fiel do Espírito Santo. Claro que, em certo sentido, esta **graça** ainda não se manifestou a **todos os homens**. Nem **todos os homens** já ouviram, mesmo depois de dois milênios, que Deus deu seu Filho unigênito para nos resgatar e salvar. E na mesma medida que isso é verdadeiro, é vergonhoso para a igreja, cujo Senhor há séculos a incumbiu com a comissão: “Portanto, ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19). Mas, em outro sentido, mesmo que haja quem nunca tenha ouvido falar de Jesus, a graça proveniente de Deus ainda está fluindo para **todos os homens** de todos os lugares. Esta **graça** é incondicional e não dependente da fé do indivíduo, pois é ministrada livremente a toda a raça humana como benefício universal da expiação. Falando sobre o fato da responsabilidade humana universal diante de Deus, João Wesley escreve:

Admitir que todas as almas humanas estão por *natureza* mortas em pecado, não desculpa ninguém, visto que não há homem que esteja em estado de mera natureza; não há homem, a menos que ele extinga o Espírito, que esteja completamente

sem a graça de Deus. Não há homem vivo que esteja completamente privado do que vulgarmente chamamos *consciência natural*. Mas não é natural: E mais corretamente designada *graça preventiva* [graça proveniente]. Todo homem tem maior ou menor medida de graça, a qual não precisa do chamado do homem. Todos têm, cedo ou tarde, desejos bons, embora os homens, em sua maioria, os abafem antes que crie raízes profundas ou produza muitos frutos. Todos têm certa medida dessa luz, alguns débeis raios luzentes que, cedo ou tarde, mais ou menos, iluminam todo homem que vem ao mundo. E todo homem, a menos que seja um dos poucos cuja consciência esteja cauterizada como por ferro quente, sente-se um tanto quanto incomodado quando age contrário à luz da própria consciência. De forma que não há homem que peque porque não tem graça, mas peca porque

não usa a graça que tem.¹

Justamente por isso, é verdade que, como diz esta tradução: “A graça de Deus clareia o mundo com cura para toda a humanidade” (10, NEB). Esta é a provisão universal para nossa necessidade universal. Embora haja quem rejeite esta **graça** e recuse ter parte com Cristo, a provisão foi feita para a salvação e as pessoas podem requerê-la, caso queiram.

Paulo prossegue: **Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente**

(12). Este versículo serve de resumo das exigências éticas impostas nos homens pela mensagem cristã que Paulo pregava. Tem aspecto negativo e aspecto positivo. **A primeira exigência é que renunciemos à impiedade e às concupiscências mundanas.** Isto não significa que temos de livrar-nos dos vínculos deste mundo, algo que ninguém pode fazer. E nossa tarefa, conforme formos ajudados pelo Espírito, renunciar “os caminhos ímpios e os desejos mundanos”, e, pela disciplina cristã, viver acima dessas coisas sórdidas e egoístas; mas nossa libertação foi feita pela graça e poder de Deus.

A exigência positiva da graça de Deus é o inverso da exigência negativa: **Vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente** (12). A tradução de Moffatt fala em termos contemporâneos: “Vivamos uma vida de autodomínio [BJ], integridade e santidade”.

Scott mostra que estas três palavras descrevem a vida do homem em sua relação tripla: 1) Consigo mesmo; 2) Com seus semelhantes; e 3) Com Deus. O homem tem de aprender a controlar as próprias paixões, a tratar com justiça o próximo e a adorar a Deus e obedecer-lhe.²

Esta é a prescrição cristã para vivermos “neste mundo” (BJ, NTLH; **neste presente século**). O apóstolo não dá a mínima sugestão da idéia de pecado na vida dos cristãos na igreja do século I.

Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo (13). A segunda aparição de Nosso Senhor era a **bem-aventurada esperança** de Paulo, embora ele estivesse muito perto do martírio. Concernente a este parágrafo, Plummer destaca que nele Paulo “insiste, mais uma vez, na ligação inseparável entre credo e caráter, doutrina e vida, e notifica as estreitas relações entre o passado, o presente e o futuro no plano cristão de salvação. Há certos fatos no passado que devem ser cridos; há um tipo de vida no presente que deve ser vivido; há coisas reservadas para nós no futuro pelas quais devemos esperar. Assim as três grandes virtudes são insistentemente incutidas: a fé, o amor e a esperança”.³

A expressão paulina, **a bem-aventurada esperança**, tornou-se uma das mais bem conhecidas para nos referirmos à espera da igreja pela volta de **Cristo**. Esta esperança tem irradiado em todos os tempos da vida da igreja. Certos intérpretes, forçados a admitir que nos primeiros escritos paulinos a certeza de que **Jesus Cristo** voltaria era uma idéia central, nos querem fazer crer que o apóstolo reconheceu que esta opinião era um equívoco. Lógico que é verdade que a esperança sincera de Paulo de que este acontecimento se daria durante sua vida teve de ser renunciada quando a morte certa se aproximava. Mas esta carta a Tito data deste mesmo período. O testemunho do versículo 13 confirma eloqüentemente que o apóstolo tinha plena certeza de que Deus realizaria este evento glorioso. Kelly, que diz que este versículo “é, talvez, excerto de um hino ou fórmula litúrgica cristã”, observa também que “contém expressão vibrante da expectativa escatológica da igreja primitiva que impacientemente esperava a segunda vinda do Senhor à mão direita de Deus”.⁴

Os estudiosos da Bíblia têm dificuldade de certa magnitude para interpretar corretamente a linguagem de Paulo aqui. Há duas possíveis traduções do versículo 13; uma delas é: **O aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo**. A outra é: “O aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (AEC). A primeira opção tradutória faz distinção entre **Deus** e **Jesus Cristo** quando fala do **aparecimento da glória** (cf.

ACF, CH). A segunda identifica **Jesus Cristo** com **Deus** (cf. BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA) e proclama sua deidade ou identidade essencial com Deus ao anunciar sua iminente “manifestação”. Os pais gregos preferem quase uniformemente a segunda tradução. Guthrie ressalta que “o uso da palavra *aparecimento*, a qual nunca é usada com relação a Deus,, dá mais apoio em atribuir a Cristo os dizeres da declaração”.⁶ O volume de evidências favorece a segunda destas interpretações.

Paulo une esta reafirmação de sua fé na segunda vinda de Jesus com uma análise da significação redentora da obra de Cristo: **O qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras** (14). Em típica expressão paulina, o apóstolo declara o caráter substitutivo do sacrifício de nosso Senhor na cruz. Esta entrega de **si mesmo** é “em nosso favor” ou “em nosso lugar”; a idéia de “procuração” está categoricamente presente na preposição grega *hyper* (**por**). E o propósito desse dar-se de Cristo é a nossa redenção. Este é um eco da designação de nosso Senhor quando disse que ele mesmo é o “resgate” (Mc 10.45). Seria irrelevante investigar este conceito de resgate com todos os exageros que o caracterizaram na igreja primitiva. Não obstante, o conceito de resgate sempre nos é muito precioso para deixarmos de lado, pois diz algo sobre a cruz de Cristo que não pode ser expresso em outros termos.

A redenção que o apóstolo defende que é nossa pelo sofrimento de Cristo é a redenção **de toda iniquidade**. Barrett ressalta que “o significado desta libertação está na frase positiva que se segue; é uma libertação não tanto da culpa quanto do pecado real, uma purificação e um impulso para as boas obras”.⁶ Aqui notamos novamente que Paulo não era apologista do pecado, mas cria numa real libertação do pecado.

E claro que Cristo está preocupado em ter **para si um povo**; um **povo** limpo, purificado e pertencente a ele em sentido exclusivo. O adjetivo **especial** não se refere às esquisitices que poderiam caracterizar tal **povo**. O significado é claramente mostrado nesta

tradução: “Um povo puro marcado para pertencer somente a ele” (NEB). Paulo enfatiza a implicação ética de tal vida nas palavras **zeloso de boas obras** ou “ansioso para fazer o bem” (NEB; cf. NTLH).

O capítulo termina com a mesma nota com que começou: **Fala disto, e exorta, e repreende com toda a autoridade** (15). O ministério de Tito tem de ser marcado por lealdade firme, corajosa e inflexível a esta mensagem. E, complementa Paulo: **Ninguém te despreze**. Algo de natureza similar foi dito a Timóteo por causa de sua juventude (1 Tm 4.12). Talvez Tito tenha sido exortado por razão semelhante.

Seção VI

CRISTÃOS EM UM MUNDO PAGÃO

Tito 3.1-7

A. Ser Bons Cidadãos, 3.1,2

Agora o apóstolo passa a tratar de uma nova área da vida cristã, sobre a qual os crentes cretenses devem estar permanentemente atentos. Nos capítulos anteriores, ele lidou com os relacionamentos dos crentes uns com os outros e com o problema da ordem cristã entre as igrejas. Agora, ele trata das relações dos crentes cretenses com os poderes constituídos: **Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedecam e estejam preparados para toda boa obra (1).**

Em Romanos 13.1-7, Paulo declara sua filosofia de governo com bastante clareza, começando com as palavras: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus”. Nesta ótica, o estado deriva sua autoridade de Deus. Isto não quer dizer que esses poderes nunca são exercidos pelo consentimento dos governados. Declara simplesmente que, entre iguais, devemos respeitar e obedecer às autoridades civis. Na verdade, pouca importa se os ocupantes de posição de autoridade não sejam cristãos, ou que até sejam pagãos, como no século I. Nem esta atitude exclui o direito de o cristão resistir à perseguição ou tentativa oficial de acabar com a liberdade religiosa. Chegaria o tempo em que a pesada mão da perseguição governamental se abateria sobre a igreja e o único curso cristão seria a desobediência civil. Mas esse tempo ainda não chegara. Em Creta, o dever dos cristãos era: **Que se sujeitem aos principados e potestades.**

Não devemos entender a advertência adicional de Paulo, **estejam preparados para toda boa obra (1)**, como exortação geral ao serviço cristão, mas como pertencente ao contexto da boa cidadania. Os cristãos devem ser **preparados para** servir a comunidade de todas as maneiras construtivas que puderem. Isso significa concorrer

e servir em cargos políticos, ou ter parte ativa em projetos valiosos para a promoção de instituições beneficentes e a assistência social de crianças. Ninguém deve isentar-se do desempenho das suas responsabilidades cívicas com o pretexto de que, embora *esteja no mundo*, ele *não pertence ao mundo*. Seja o que for que Jesus quis dizer na oração sumo sacerdotal registrada em João 17.16, não foi isso o que ele quis dizer. Nas questões cívicas, os cristãos devem “estar preparados para realizar qualquer boa obra que esteja a seu alcance” (CH).

No versículo 2, o apóstolo continua seu esboço do comportamento cívico do cristão: **Que a ninguém infamem, nem sejam contenciosos, mas modestos, mostrando toda mansidão para com todos os homens.** Devemos ouvir e atender a primeira destas diretivas (**que a ninguém infamem**) no contexto da igreja bem como no âmbito da comunidade cívica. Há três testes aos quais devemos submeter todo comentário depreciativo a que formos tentados a fazer sobre os outros: 1) É verdadeiro?; 2) É bom?; e 3) É necessário? Quantas vezes a aplicação destes três parâmetros calaria nossa boca eficazmente!

Nem sejam contenciosos, mas modestos (2) significa evitar brigas e ter espírito de altercação do qual surgem brigas (cf. BJ, CH, RA). Pelo contrário, insiste Paulo, sejam **modestos**. Algumas conotações de **modestos** são calmos, “bondosos” (CH), afáveis, “amáveis” (BAB, NYI), sofisticados, “cavalheiros” (BJ), que são qualidades distintamente cristãs. **Mostrando toda mansidão para com todos os homens** é frase que leva a mal-entendidos. Este é o significado preciso: “dando provas de toda cortesia, para com todos os homens” (RA; cf. BV).

B. Os Cristãos são Transformados pela Graça, 3.3-7

Como razão para tratarem de modo amável e atencioso os que estão perdidos por não terem Deus, Paulo lembra os cristãos cretenses do lodaçal do qual eles foram tirados: **Porque também nós éramos, noutra tempo, insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em**

malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros (3). Este é quadro negro e proibitivo, contudo quem questionaria sua veracidade? E com modéstia característica, o apóstolo se inclui entre os que outrora foram enganados desse jeito. O desatino absoluto da vida de pecado, a oposição aos caminhos e à vontade de Deus para a vida, a perdição terrível de quem está alienado de Deus no meio do universo de Deus, a escravidão à natureza bestial que envolve necessariamente o pecado, a vida ímpia em chamas pela inveja e pelo ódio são imagens que fazem parte do retrato paulino do lodaçal do qual estes crentes em Creta foram recentemente resgatados.

Por esse resgate glorioso, Paulo passa a louvar a Deus imediatamente: **Mas, quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens** (4). O apóstolo está pensando no milagre da justificação pela fé, o perdão gracioso dos pecados do passado — perdão que foi introduzido no reino da experiência humana pela vinda do Filho de Deus ao mundo. Paulo vê na encarnação do Filho de Deus o amanhecer de um novo dia nos assuntos humanos. Este amanhecer ou “aparecimento” (**apareceu**) é na verdade uma “epifania” ou revelação divina; e as coisas reveladas são **a benignidade e caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, B J, CH, NTLH, NVT, RA) **de Deus, nosso Salvador**. O termo **benignidade** é tradução literal da palavra grega *chrestotes*. “Usada para referir-se a Deus”, observa Kelly, “conota sua bondade e preocupação compassiva”.¹ Essa palavra está frequentemente ligada, como aqui, com a palavra grega *philanthropia*, que significa “afeto pelo homem como homem”. Obviamente que “filantropia” é termo derivado desta raiz. Estas são as qualidades do caráter de Deus que são particularmente reveladas neste aparecimento de **Deus, nosso Salvador**. Paulo diz que **Deus é nosso Salvador**, porque foi em cumprimento do seu propósito salvador que Cristo veio para nosso mundo.

A intervenção salvadora de Deus a nosso favor é absoluta questão da graça divina, sendo de modo algum o resultado de mérito humano. Este fato está claro no versículo 5: **Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos**

salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo. A impossibilidade absoluta do desempenho humano de **obras de justiça** é tema freqüente do apóstolo, apresentado com particular força convincente nos capítulos iniciais da Epístola aos Romanos. Paulo está falando sobre a futilidade de qualquer esperança humana que merecesse a graça de Deus. Não há nada que possamos fazer que coloque o Deus Todo-poderoso a nos dever favores. A salvação não é “das obras” (Ef 2.9), mas inteiramente da graça. Nossa única esperança está na resposta que nosso espírito dá ao ser despertado pelo ministério convincente do Espírito Santo, resposta que nos leva ao arrependimento sincero e à súplica pela misericórdia de Deus. Mas a iniciativa sempre é de Deus, e nossa resposta é capacitada e possibilitada pelo Espírito Santo. Assim, **segundo a sua misericórdia** ele **nos salvou**. Não há outra explicação possível. E mesmo esta não explica, pois ninguém pode compreender a **misericórdia** de Deus.

O modo em que Paulo entende o método divino de realizar nossa salvação é duplo. Em primeiro lugar, ele fala da **lavagem da regeneração** (5) empregando o linguajar do rito batismal. Não devemos entender que o batismo nas águas seja o meio efetivo pelo qual os homens são salvos, mas consideremo-lo, pelo menos aqui, como símbolo da experiência da morte ao pecado e da ressurreição espiritual em novidade de vida. Em outra carta, o apóstolo investe o símbolo batismal com este significado quando diz: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Rm 6.4). Ser salvo é ser vivificado, é ser ressuscitado da morte de transgressões e pecados.

O segundo aspecto da experiência de salvação é a **renovação do Espírito Santo** (5). O **Espírito Santo**, na expressão dos antigos credos da igreja, é “o Senhor e Doador da vida”. Isto envolve a totalidade da de vida em todas as suas manifestações. Mas em certo sentido, é o pecador perdoado e renovado que foi vivificado pelo Espírito Santo. Esta vida é obra exclusiva do Espírito — em seu começo, crescimento e aumento, e plenitude.

O versículo 6 proclama a realidade presente do derramamento do Espírito: **Que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador.** A função vivificadora do Espírito Santo está estreitamente relacionada com a obra redentora e intercessora do Senhor **Jesus**. Ele proclamou que o dom do Espírito seria dado pelo Pai e por ele (Jo **14.26; 16.7**). E este ensino que é apresentado na doutrina da “processão dupla” do Espírito Santo; ele procede tanto do Pai quanto do Filho. A sua vinda está relacionada com a volta de nosso Senhor à mão direita do Pai (Jo **7:39**). A vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes foi considerada como dom pelo **Salvador** glorificado (At **2.33**). E toda alma regenerada é vivificada por este mesmo Espírito vivificador.

O apóstolo leva seu exame do milagre transformador espiritual à sua conclusão lógica e inevitável: **Para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna** (7). A justificação é um dos temas autênticos do pensamento paulino. Ele ensinou que, entregando-se e crendo em Cristo, o perdão de pecados é garantido e o próprio pecador, seja qual tenha sido seu passado, é recebido na graça e favor de Deus. Mas aqui há mais que a promessa da vida que agora existe: pois a **esperança da vida eterna** é dada igualmente a todo pecador que se volta a Deus por Cristo. O que o apóstolo está nos dando nos versículos 4 a 7 é o esquema completo da misericórdia divina e o plano de salvação. Poucos resumos da graça salvadora de Deus são mais brilhantes que este.

EXORTAÇÕES FINAIS

Tito 3.8-11

A. Mantenha-se Ocupado por Cristo, 3.8

Ao se aproximar da conclusão da carta, Paulo volta a fazer exortações: **Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens.** A primeira frase deste versículo ocorre outras vezes nas Epístolas Pastorais (1 Tm 1.15; 1 Tm 2.11). Kelly mostra que “ele olha para trás [aos versículos 3 a 7] em vez de olhar para frente”. Ele defende a opinião de que “tudo ou parte dos versículos 3 a 7 é citação, provavelmente de algum hino ou trecho litúrgico ligado ao batismo”.¹ Se for citação, é lógico que o apóstolo dá sua total aprovação e a recomenda insistentemente à atenção de Tito como mensagem que ele deve pregar. A sugestão óbvia é que sustentar esta fé e ser totalmente comprometido com ela resulta na manutenção cuidadosa de **boas obras**. É importante fazermos distinção clara entre as “obras de justiça” que, segundo o versículo 5, são inúteis como meio de nos recomendar ao favor de Deus, e estas **boas obras** que são a fluidez inevitável da vida transformada pela graça. Estas são as obras que Tiago considerou marca certa de uma vida verdadeiramente cristã (Tg 2.18). E, como Paulo percebe, só **os que crêem** muito são os que servem fielmente.

O julgamento do apóstolo sobre esta questão é colocado sucintamente na declaração final: **Estas coisas são boas e proveitosas aos homens.**

B. Evite Controvérsias Fúteis, 3.9-11

O apóstolo volta a falar das heresias que tinham infestado as igrejas cretenses e redeclara a exortação feita em 1.10-16: **Mas não entres em questões loucas, genealogias e contendas e nos debates acerca da lei; porque são coisas inúteis e vãs** (9). Este aviso repetido revela a profundidade dos sentimentos de Paulo sobre o efeito

destruidor de tais ensinamentos, e mostra seu cuidado de que Tito estivesse bem informado e devidamente preparado para combatê-los. Em relação à análise feita anteriormente, a descrição inclusa nesta referência final deixa mais claro o caráter judaico destas heresias.

Scott insiste que as heresias cretenses eram de caráter predominantemente gnóstico. Mas ele procede na suposição de que as Epístolas Pastorais sejam de autoria pós-paulina, datadas de época em que a batalha da igreja contra o gnosticismo estava no auge. Como afirmamos em nossa análise das Epístolas Pastorais, as heresias que ameaçavam a integridade e existência das igrejas em Efeso e em Creta representavam a fase mais inicial do gnosticismo, quando era de caráter predominantemente judaico. As evidências a favor desta interpretação contribuem consideravelmente para a datação mais antiga destas cartas e sua autoria paulina autêntica.

A seguir, o apóstolo sugere a ação disciplinar apropriada que deve ser tomada contra os que rejeitarem sua exortação: **Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido** (“se perverteu”, BJ; “é moralmente pervertido”, CH) e **peca, estando já em si mesmo condenado** (10,11). A palavra grega traduzida por **herege** é derivada da palavra grega *hairesikos*. Foi somente no século II que este termo veio a significar alguém que sustenta falsa doutrina. Aqui, no versículo 10, o **homem herege** significa a pessoa turbulenta e opiniática que não desiste até fazer com que todos aceitem seu ponto de vista (“homem faccioso”, AEC, BJ, RA; “homem que provoca divisões”, BAB; cf. BV, NTLH, NVI). Phillips traduz a passagem assim: “Ao homem obstinado em sua opinião, advirta-o. Mas depois da segunda advertência, deve rejeitá-lo” (CH). Barclay, neste ponto, é útil. “O herege”, diz ele, “é o indivíduo que decidiu que tem razão e que todas as outras pessoas estão erradas. As palavras de Paulo são uma exortação contra o indivíduo que torna as próprias idéias o teste e o padrão de toda verdade. Sempre devemos ter muito cuidado com toda opinião que nos separe da comunhão dos crentes. A verdadeira fé não divide as pessoas; une-as.”² O apóstolo é categórico em seu julgamento. O **homem** que recusa ouvir e atender as advertências dos ministros de

Deus contra atitudes divisoras e insiste em tornar suas idéias a norma da verdade cristã caiu em pecado — o pecado do orgulho opiniático — e está autocondenado.

Seção VIII

CONCLUSÃO

Tito 3.12-15

De modo habitualmente paulino, a carta conclui com alguns itens puramente pessoais: **Quando te enviar Ártemas ou Tíquico, procura vir ter comigo a Nicópolis; porque deliberei invernar ali** (12). O apóstolo tencionava enviar a Creta um desses dois irmãos aqui nomeados para substituir Tito, de forma que este pudesse viajar para **Nicópolis**. Qual dos dois ainda seria determinado. **Ártemas** não é mencionado em outra parte das cartas de Paulo, mas **Tíquico** é personagem bastante famoso. Ele era companheiro de viagem do apóstolo (At 20.4), e serviu de mensageiro para levar a carta efésia de Paulo a Éfeso (Ef 6.21). Prestou serviço semelhante a respeito da carta colossense. Mais tarde, quando Paulo estava em seu aprisionamento final, **Tíquico** foi enviado em missão a Timóteo que estava em Éfeso (2 Tm 4.12).

Várias cidades no mundo antigo tinham o nome de **Nicópolis**. A cidade que Paulo tem em mente é, ao que parece, a **Nicópolis** do continente grego (ver Mapa 1). Anota em 2 Timóteo 4.10, escrita dois ou três anos depois, que informa que Tito fora para a Dalmácia, situaria Tito na vizinhança geral de **Nicópolis**.

Acompanha, com muito cuidado, Zenas, doutor da lei, e Apoio, para que nada lhes falte (13). O nome **Zenas** é outro dos amigos de Paulo que não ocorre em outra parte dos escritos do apóstolo. A designação **doutor da lei** (“advogado”, BV, CH, NTLH; “jurista”, BJ, NVI; “intérprete da lei”, RA) serve para distingui-lo de outras pessoas que tenham o mesmo nome. **Apoio** nos é bem conhecido, aparecendo em Atos (At 18.24) e em 1 Coríntios. Estes dois líderes cristãos estavam a caminho de Creta e, talvez, tenham sido os portadores da carta de Paulo a Tito. O apóstolo quer se assegurar de que recebam a melhor hospitalidade possível.

A primeira vista, o versículo 14 é um pouco ambíguo: **E os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras, nas coisas**

necessárias, para que não sejam infrutuosos. Parece que é exortação ao empenho no trabalho, conforme vemos nesta leitura de Phillips: “Nosso povo deve aprender a conseguir o que precisa por meio de trabalho honesto” (CH). Mas a referência no versículo 13 à hospitalidade a ser outorgada a Zenas e Apoio pode ter sugerido à mente do apóstolo a necessidade de insistir na virtude da hospitalidade entre os cristãos cretenses em geral.

A epístola termina com uma saudação geral: **Saúdam-te todos os que estão comigo. Saúda tu os que nos amam na fé. A graça seja com vós todos. Amém! (15).** O apóstolo não cita os nomes de todos que estão em sua companhia, mas inclui todos em sua saudação a Tito. Paulo tinha amigos pessoais e queridos em Creta, talvez seus filhos no evangelho; e aos **que nos amam na fé** ele envia afetuosas saudações. A bênção final é de caráter inteiramente paulino, compreendendo toda a igreja de Cristo que está em Creta: **A graça seja com vós todos. Amém!**

Notas

A EPÍSTOLA A TITO

Seção II

¹Kelly, *op. cit.*, p. 129.

²Barclay, *op. cit.*, p. 273.

³*Ib.*

SEÇÃO III

¹Barclay, *op. cit.*, p. 276.

²Kelly, *op. cit.*, p. 234.

Tb., p. 235.

“Barclay, *op. cit.*, p. 279.

⁵G. H. Morrison, *The Afterglow of God* (Londres: Hodder & Stoughton, 1912), p. 27. ⁶Barclay, *op. cit.*, p. 280.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 237.

Tb., p. 238.

SEÇÃO IV

'T. R. Glover, *The Jesus of History* (Nova York: George H. Doran Company, 1917), pp. 200, 201. ²Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 191.

³Scott, *op. cit.*, p. 163.

"Kelly, *op. cit.*, pp. 240ss.

"Barclay, *op. cit.*, p. 286.

SEÇÃO V

'John Wesley, "On Working Out Our Own Salvation", *Works*, editado por Thomas Jackson, vol. VI (Kansas City: Nazarene Publishing House, s.d.), p. 512.

²Scott, *op. cit.*, p. 168.

'Plummer, *op. cit.*, p. 260.

"Kelly, *op. cit.*, p. 246.

"Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 200.

"Barrett, *op. cit.*, p. 138.

SEÇÃO VI

'Kelly, *op. cit.*, p. 251.

SEÇÃO VII

'Kelly, *op. cit.*, p. 254. ²Barclay, *op. cit.*, p. 304.

Bibliografia

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO E A EPÍSTOLA A TITO

I. COMENTÁRIOS

Barclay, William. "The Letters to Timothy, Titus, Philemon." *The Daily Study Bible*. Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1956.

Barrett, C. K. "The Pastoral Epistles." *The New Clarendon Bible*. Editado por H. F. D. Sparks. Londres: Oxford University Press, 1963.

Dodd, C. H. "The Epistle of Paul to the Romans." *The Moffatt New Testament Commentary*. Londres: Hodder & Stoughton, 1949.

Easton, B. S. *The Pastoral Epistles*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1947.

Gealy, Fred D. "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exegesis). *The Interpreteis Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1955.

Guthrie, Donald. "The Pastoral Epistles." *The Tyndale New Testament Commentaries*. Editado por R. V. G. Tasker. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957.

Kelly, J. N. D. "A Commentary on the Pastoral Epistles." *Farpers New Testament Commentaries*. Editado por Henry Chadwick. Nova York: Harper & Row, 1963.

Lowstuter, W. J. "The Pastoral Epistles: First and Second Timothy and Titus." *The Abingdon Bible Commentary*. Editado por F. C. Eiselen *et al.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

Noyes, M. P. "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exposition). *The Interpreteis Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1951.

Parry, R. St. John. *The Pastoral Epistles*. Londres: Cambridge University Press, 1920.

Plummer, Alfred. "The Pastoral Epistles." *The Expositoits Bible*. Editado por W.

Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1898.

Rolston, Holmes. “1—2 Thessalonians, 1—2 Timothy, Titus, Philemon.” *The Layman’s Bible Commentary*. Editado por B. H. Kelly *et al*, Vol. 23. Richmond: John Rnox Press, 1963.

Scott, E. F. “The Pastoral Epistles.” *The Moffatt New Testament Commentary*. Londres: Hodder & Stoughton, 1936.

Simpson, E. K. *The Pastoral Epistles*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954. .

Wesley, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: The Epworth Press, 1950.

White, N. J. D. “The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus.” *The Expositois Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.

II. OUTROS LIVROS

Baillie, D. M. *God Was in Christ*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1948.

Dodd, C. H. *The Apostolic Preaching and Its Developments*. Nova York: Harper & Brothers, s.d. _ . *The Parables of the Kingdom*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1936.

Glover, T. R. *The Jesus of History*. Nova York: George H. Doran Company, 1917.

Guthrie, Donald. *New Testament Introduction: The Pauline Epistles*. Chicago: InterVarsity Press, 1961.

Harrison, P. N. *The Problem of the Pastoral Epistles*. Londres: Oxford University Press, 1921.

Hatch, Edwin. *The Organization of the Early Christian Churches*. Londres: Longmans, Green & Company, 1901.

Jowett, J. H. *The Preacher: His Life and Work*. Nova York: Harper & Brothers, 1912.

Morgan, G. Campbell. *The Answers of Jesus to Job*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1935. Morrison, G. H. *The Afterglow of God*. Londres: Hodder & Stoughton, 1912.

Wesley, John. *Works*. Editado por Thomas Jackson, Vols. VI e VII. Kansas City: Nazarene Publishing House, s.d.

Whitehead, John. *Lives of John and Charles Wesley*. Nova York: R. Worthington, 1881.

III. ARTIGOS

Edwards, D. Miall. "Drunkenness." *International Standard Bible Encyclopaedia*. Editado por James Or et al, Vol. II. Chicago: The Howard-Severance Company, 1925.

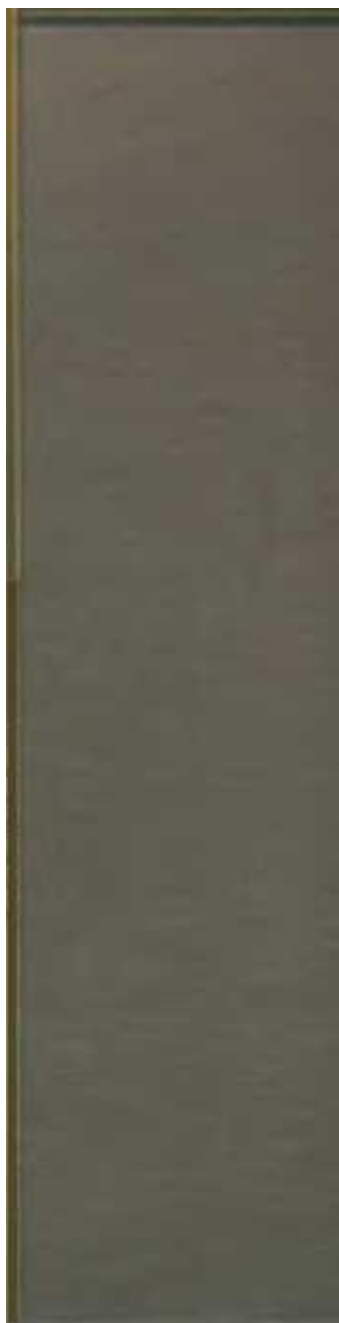
Cqme.n I ÍRIO Bíbi



Beaco

B. E. Hovvard

Willard H. Tavlör John A. Kniglil John B. Nielson \rnold E. Airhart .1.
Gleim Gould



9

Gaiatas a Filomom

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de i forma expositiva. exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus. que “subsiste eternamente”.



Referência/Comentário